

MOVIMENTOS SOCIAIS



A palavra de ordem após o resultado do processo eleitoral é resistência. Os desafios que os movimentos sociais enfrentarão no próximo período podem se resumir em: defesa da própria existência democrática, defesa dos direitos e construção de um projeto de nação alternativo ao vencedor nas urnas.

Não serão dias fáceis. A vitória eleitoral de Jair Bolsonaro talvez seja a primeira de um presidente após a redemocratização do Brasil em que o próprio eleito precisará ser lembrado das regras do jogo democrático e especialmente do necessário respeito ao resultado do processo eleitoral.

Isso porque o candidato do PSL venceu com menos de 40% dos votos totais, em que se consideram os votos brancos, nulos, as abstenções e os votos em Fernando Haddad. Os significativos 48 milhões de votos em Fernando Haddad representam ainda que há uma parcela significativa da população brasileira que não concorda com o presidente eleito, o que ganha contornos especiais quando analisamos que boa parte desses votos veio da classe trabalhadora e das mulheres jovens do Brasil.

Esse elemento é fundamental para a estratégia dos movimentos sociais no próximo período. Se o candidato petista afirmou diversas vezes que era chegado o momento do partido se reconectar com as periferias, o mesmo se aplica aos movimentos sociais.

A linguagem, a estratégia e, sobretudo, a lógica de ampliação das bases sociais precisa levar em conta que boa parte da população brasileira rejeita as instituições tais quais elas vinham funcionando até 2016. Essa rejeição foi fundamental para dar lastro ao golpe

de Estado perpetrado contra a presidenta Dilma.

Dessa forma, a palavra resistência, chamada como ordem na resolução da Comissão Executiva do PT, bem como no ato já realizado na Avenida Paulista menos de dois dias depois das eleições, aponta para um desafio ainda maior: como seguir conquistando corações e mentes numa sociedade dividida, sofrida e desigual?

O começo dessa resposta parece já aparecer: defendendo direitos dos grupos que mais sofrem com a desigualdade. A tese vencedora das eleições entende que a “defesa das minorias” fragmenta a sociedade e, portanto, se configura como uma ameaça à integridade nacional.

Esse é o mote principal para as ameaças explícitas do governo eleito aos movimentos sociais. E é nesse processo que aglutinar as pessoas e defender um ideal de democracia, liberdade, igualdade e direitos humanos deve ser o centro desse próximo período.

A garantia de reflexões mais aprofundadas nesse processo só ocorrerá na prática efetiva de uma política conciliadora entre a esquerda, os movimentos sociais e o povo brasileiro. A tão avisada ameaça aos direitos do povo cada dia mais se torna uma realidade.

Por esse caminho, a liberdade do ex-presidente Lula e a liderança de Fernando Haddad serão primordiais.

Isso porque esses elementos unem, na mesma disputa, a defesa de garantia dos direitos e de um país com igualdade de oportunidades representada por Lula e a garantia de uma nova voz, ativa e ciente das suas origens, representada por Haddad.

Em um momento de tamanha quantidade de desafios, o resultado das urnas mostrou que o PT continua sendo a grande força que aglutina uma visão de país diferente da que venceu as eleições.

Mas isso só foi possível em razão da capacidade de diálogo e de permeabilidade do partido com os movimentos sociais tradicionais. Essa permeabilidade precisa ser aumentada e expandida para outras forças sociais que se apresentam nesse momento, como as Frentes Brasil Popular e Povo Sem Medo, os coletivos periféricos de cultura e os coletivos de jovens feministas.

Não há nenhuma roda pra ser inventada, mas há uma clara necessidade de apropriação política, democrática e cultural das pessoas e dos coletivos numa empreitada que pode ser a mais difícil de nossa história. Um

exemplo disso foi o enorme engajamento da classe artística na campanha do segundo turno de Haddad.

Em todos os discursos, era possível perceber a demanda por um sentimento de pertencimento ao projeto, algo que extrapola a linguagem política tradicional, precisa ganhar as ruas e os corações das pessoas.

A criação da “Rede Democrática de Proteção Solidária”, com o lema “Você não está só” constitui uma ideia de proteção em rede de direitos humanos contra violações a liberdades e perseguições políticas. Isso representa não somente uma ideia jurídica, mas especialmente de pertencimento, criação de identidade que atende, ao ser bem executada, a compreensão de que existe uma massa enorme de pessoas que não aceitam o fascismo, o autoritarismo e o pensamento único.

Nas palavras de Fernando Haddad ao final do seu discurso, *“não tenham medo, nós estaremos aqui. Nós estamos juntos. Nós estaremos de mãos dadas com vocês. Nós abraçaremos a causa de vocês. Contem conosco. Coragem, a vida é feita de coragem. Viva o Brasil!”*